

O ESCRITOR CARAMUJO NOS JORNAIS – UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DAS CRÔNICAS MACHADIANAS¹

Christian Gomes Seidl²
Margarida Pontes Timbó³

INTRODUÇÃO

Machado de Assis, conhecido por grandes obras-primas, entre elas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899) é considerado um dos principais autores brasileiros do século XIX por também encabeçar a estética realista, mas sobreviver para além do realismo literário. O autor carioca viveu em um período marcado pela escravidão e pela discriminação racial, assim, sua obra reflete as tensões e contradições desse contexto.

Utilizado pelo próprio escritor para definir o seu estilo de escrita referente às crônicas, a expressão “caramujo” pode ser interpretada metaforicamente, sugerindo a maneira como Machado de Assis, dotado de escrita perspicaz e reflexiva, se insinua nos periódicos, deixando trilhas de observações agudas e de análises críticas, ora veladas, ora visíveis. A leitura e a análise das crônicas machadianas nos jornais identificam o papel ativo desempenhado pelo autor na construção e desconstrução de ideias, desafiando o leitor para que participe de suas produções. A linguagem afiada e o humor sutil machadianos revelam a habilidade do autor em transcender os limites literários convencionais e se inserir no contexto contemporâneo, dialogando de modo atemporal diretamente com a sociedade.

No jornal carioca do *Gazeta de Notícias*, Machado escreveu a série de crônicas “*Bons dias!*”, entre os anos de 1888 a 1889, sob a assinatura de *Boas Noites*, narrador que protagoniza as observações e acontecimentos da sociedade do Rio de Janeiro durante a crise do Brasil Império (1822 – 1889), acompanhando as polêmicas e contradições da alta elite brasileira do referido período. Um dos críticos literários coetâneos ao autor como Sílvio Romero pontuou que Machado não se preocupava com as questões sociais relativas ao seu tempo, por não

¹Este resumo expandido trata-se de recorte temático do Projeto de Extensão intitulado “Machado de Assis na literatura negro-brasileira: do conto à poesia do escritor caramujo”, realizado no primeiro semestre de 2022 sob a orientação da prof.^a Dr.^a Margarida Pontes Timbó, docente temporária do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral – CE;

²Acadêmico do Curso de Letras – Português (Licenciatura) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); gseidlchristian.prof@gmail.com

³Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC); professoramargaridaflf@gmail.com

expressar explicitamente o seu posicionamento político em suas obras e demais produções escritas. Por outro lado, o crítico José Veríssimo saiu em defesa de Machado.

O referido escritor brasileiro, ciente da importância e influência dos jornais no século XIX, usa-os como veículo e apropria-se da linguagem utilizada nesse meio para traçar diálogos e adequar sua escrita em relação ao público leitor, pois como esclarece Gledson (2016, p. 313), o jornal era “a internet daquela época” e que “tudo passava por ele”. É indispensável refletir sobre como a cultura jornalística dominava os meios de circulação das informações à época, atuando como o filtro de divulgação dos textos que, legitimados por esse instrumento de comunicação em massa, poderiam protagonizar os olhares curiosos dos indivíduos que queriam se manter informados sobre as notícias que circulavam naquele período. Duarte (2009, p. 30-31) elucida que:

As condições de produção da obra machadiana, especialmente no tocante à prosa, revelam uma estreita proximidade entre literatura e imprensa. Não se pode relevar o fato de ser o jornal o veículo primeiro de muitos de seus escritos e isto contém em si implicações as mais diversas, inclusive no que se refere ao nível de liberdade de expressão existente no Segundo Reinado. Ao longo praticamente de toda a sua vida, Machado foi, senão um "homem de imprensa", no sentido que a expressão ganhou ao longo do século XX, alguém muito próximo disso. E, se observarmos os diversos órgãos pelos quais passou, especialmente na juventude, veremos que, dos 16 aos 34 anos, o escritor foi antes de tudo um trabalhador da palavra impressa: tipógrafo, revisor, redator, tradutor, crítico, censor teatral, atividades que compartilhavam o tempo do escritor com a poesia, a ficção, o drama e a crônica.

De fato Machado de Assis constitui-se um trabalhador da palavra, então se ele é quem é hoje, foi fruto de muito esforço e determinação, pois como pessoa negra, acometida de doença e sem muitos recursos financeiros ele poderia não ser reconhecido.

Em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, Frantz Fanon (1952; 2008) discorre sobre como pessoas pretas precisam se “infiltrar” no mundo dos brancos, compreender seus mecanismos de convivência social expressos por meio da linguagem e de suas variadas formas para manifestar cultura e conhecimento, sobretudo aqueles legitimados pela elite intelectual acadêmica das sociedades ocidentais. Machado de Assis, em toda a sua intelectualidade e percepção de si e do outro, era consciente de sua frágil posição social em condições de racialidade, mas buscou usufruir de sua exímia inteligência para conseguir se manter não apenas ativo no meio literário como também influente, imortalizando-se como o mais importante escritor brasileiro do século XIX e um dos mais emblemáticos nomes da literatura brasileira construindo um “Otelo brasileiro”, como disse Helen Cadwell (2002) em seu estudo sobre *Dom Casmurro*.

Dotado de “máscaras brancas”, Machado encontrou maneiras de divulgar sua visão crítica, mas de forma velada, sem que fosse percebido explicitamente por quem o lia, como o

movimento do caramujo que aparece e desaparece durante o seu trajeto, ou ainda, como o ritmo daquele que dança ou joga a capoeira, combinando, ao mesmo tempo, elementos de luta, acompanhando os passos do oponente para observá-lo e se esquivando quando necessário para atacar quando for oportuno.

Luiz Costa Lima (1997 *apud* DUARTE, 2009, p. 30) compreende essa capoeira verbal como “*princípio de individuação* da linguagem do cronista”, capaz de ignorar a “*lógica proposicional* implícita no cientificismo hegemônico à época” e substituindo-a “por um *encadeamento em forma de constelação*, em que os assuntos se revezam na superfície da crônica, exigindo atenção redobrada do leitor”. Lima (1997, *apud* DUARTE, 2009, p. 30) destaca também que “Machado ginga e dribla, faz da capoeira um estilema.” Nesse movimento de “capoeira literária”, a crônica publicada no *Gazeta de Notícias*, no dia 19 de maio de 1888 – dias após a abolição da escravatura – lança ferrenha crítica ao complexo de salvador das pessoas brancas em relação ao fim do regime escravocrata brasileiro.

É imperativa a capacidade machadiana em transcender os limites literários, abordando variedade de temas sociais, históricos, culturais, éticos, políticos e humanos. Como defende o professor João Cezar de Castro Rocha (2013, p.25) Machado constitui-se como um autor-matriz, ou seja, “aquele cuja obra, pela própria complexidade, autoriza a pluralidade de leituras críticas, pois elementos diversos de seu texto estimulam abordagens teóricas diferentes”. Assim, a análise revela a habilidade de Machado de Assis em interagir com seu público, transformando as crônicas em um meio de diálogo e de reflexão. A adaptação do autor ao contexto jornalístico evidencia sua versatilidade, contribui para a compreensão mais profunda de sua genialidade e do seu impacto duradouro na cultura brasileira.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia de pesquisa de caráter teórico-bibliográfica pautou-se no pensamento de Duarte (2009; 2020), Fanon (2008), Gledson (2016), Proença Filho (2004), entre outros que se debruçam sobre o estudo das crônicas machadianas e da literatura negro-brasileira. Serviram de base à análise as crônicas “Bons Dias!”, publicadas no jornal carioca *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1888 a 1889.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com tom de sarcasmo, ironia e profundo deboche quanto aos sentimentos de grandeza e de justiça, equiparado ao sacrifício de Jesus, o narrador *Boas Noites* inicia sua declaração

afirmando que iria alforriar seu jovem escravizado em uma grande cerimônia, visando tornar o seu ato público – e sabemos, sem muita demora, logo nos últimos parágrafos da crônica, que tal atitude tinha fundo de interesse político, em que o narrador buscava se lançar como deputado no Rio de Janeiro, usando (e mesmo distorcendo) a narrativa da libertação de seu escravizado como método para conquistar a afeição e fidelidade de seus futuros eleitores, conforme aponta o excerto a seguir:

[...] Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico. No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado. Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo (ASSIS, 1888, p. 6).

O nome do adolescente escravizado, referido como “*molecote*” inúmeras vezes por parte de Boas Noites, é extremamente instigante: Pancrácio. A sonoridade do substantivo, profundamente sugestiva, oferece a ideia de “pancada” pela forte pronúncia entre as sílabas:

O nome do escravo remete ao adolescente Pancrácio, um dos mártires e primeiros santos do catolicismo, torturado e decapitado no dia 12 de maio (!) do ano 304, por ordem do imperador Diocleciano. Na Espanha, São Pancrácio é considerado o padroeiro dos trabalhadores. O campo semântico do nome está ainda vinculado ao substantivo grego *pankrátion*, que designava justamente uma espécie de luta livre, considerada a modalidade mais violenta do atletismo grego, em que se permitia o uso de mãos e pés a fim de vencer o adversário. Escusado dizer que, em sua conformação fonética no português, o nome está em consonância com “pancada”. Sua escolha, portanto, nada tem de casual ou inocente. (DUARTE, 2020, p.56).

Sobre o sentimento voltado ao delírio de grandeza e de benevolência por parte de Boas Noites, nota-se um caráter cínico do narrador. Como parte da configuração do projeto literário machadiano, que visava questionar o pensamento controverso e dissimulado da elite carioca, seus personagens são caricatos e até ridículos por suas personalidades delirantes quanto à autopercepção e autocrítica, delineando com grandiosidade os limites e contradições do ego da elite branca brasileira. Eduardo de Assis Duarte (2020, p. 56), em relação a essa crônica em específico, destaca que

Nesta crônica, publicada 6 dias após a Abolição, vale-se o autor dos recursos da ficção ao criar personagens que remetem a fatos noticiados na imprensa da época. Na história aqui contada em primeira pessoa, temos um narrador-senhor de escravos cínico, oportunista e sedento de notoriedade, à semelhança de Brás Cubas. Esses traços estão marcados por um exagero caricatural, como forma de desmascarar a falsa benemerência do “profeta post factum”. A encenação da filantropia de conveniência tem um de seus pontos altos no conto “Teoria do medalhão”, publicado em *Papéis avulsos*, de 1882, e será retomada mais tarde em *Memorial de Aires*.

No desfecho da narrativa, Boas Noites estabelece um “contrato” com Pancrácio, no valor alto de seis mil-réis, que foi aceito pelo próprio escravizado sem maiores questionamentos, porque desconhece, de fato, a situação socioeconômica da realidade carioca, como pode ser visto no trecho a seguir:

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.
Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. (ASSIS, 1888, p. 7).

John Gledson (2006), importante estudioso das crônicas machadianas, esclarece que apesar das oscilações de tom e de opiniões nesses textos, é por meio deles que se pode notar conjunções entre o pensamento e as convicções do intelectual, do escritor e do homem político que foi Machado de Assis. Por meio de suas crônicas Machado tocou em questões raciais de forma subversiva, utilizando da ironia e da ambiguidade a fim de criticar as hierarquias da sociedade brasileira e expor as fragilidades da elite carioca branca e de tantas outras instituições sociais. Assim, neste estudo foi possível identificar as representações das diferentes camadas sociais na produção escrita machadiana em meio jornalístico por meio da abordagem de temas como preconceito, racismo e identidade no labor artístico do escritor caramujo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A versatilidade de Machado de Assis, bem como a extensa carga de textos por ele produzidas, torna a tarefa de pesquisa um tanto quanto desafiadora, se não árdua, para quem pretende se debruçar sobre os textos dos jornais, que exigem de seus leitores perspectivas históricas bem delineadas e aguçadas para compreender as sutilezas machadianas e as razões extratextuais que o levaram a adotar determinada linguagem e posicionamentos. Mesmo com as inúmeras pesquisas desenvolvidas sobre o renomado e imortalizado “escritor caramujo”, este permanece um mistério até para quem se dedica a compreender tanto o autor quanto suas obras.

Este trabalho discutiu a questão racial nas crônicas machadianas e promoveu olhares que contra-argumentam as afirmações condenáveis ao autor em relação ao seu suposto silenciamento e conveniência quanto às pautas que permeavam a sociedade brasileira do século XIX, sobretudo o debate acerca do racismo e da escravidão presentes na conjuntura social do Rio de Janeiro novecentista. Com isso, espera-se que os leitores possam se sentir convidados a reconhecer mais facetas do “Bruxo do Cosme Velho”: o cronista-escritor irônico, sarcástico, satírico e profundamente consciente de sua posição e do impacto na sociedade literária e na elite intelectual de um Brasil ainda insipiente.

Palavras-chave: Machado de Assis; crônicas; *Bons Dias*; Escritor caramujo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Bons Dias. In: _____. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 mai. de 1888. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000167.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de Dom Casmurro. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afrodescendente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

_____. A capoeira literária de Machado de Assis. In: **Machado de Assis em linha**, n. 3, p. 27-38, jun. 2009. Disponível em: <https://machadodeassis.fflch.usp.br/sites/machadodeassis.fflch.usp.br/files/u73/num03artigo03.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IGOA, Rosario Lázaro; COSTA, Walter Carlos. Edição e tradução nas crônicas brasileiras dos séculos XIX e XX: entrevista com John Gledson. In: **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 36, nº 2, p. 311-329, maio-agosto/2016.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 22 nov. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Machado de Assis**: por uma poética da emulação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.